



CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA E FONTES DE DADOS POPULACIONAIS: UMA REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS ESTUDOS DEMOGRÁFICOS

Palavras-Chave: Demografia, Capitalismo de vigilância, Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)

Autores:

ISABELA PRANDINE, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. ROBERTO LUIZ DO CARMO (orientador), IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO

Com o avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), em especial da internet, a produção de dados voltados à leitura das características estruturantes das populações — como idade, sexo/gênero, raça/cor, arranjos domiciliares —, assim como à identificação de padrões sociodemográficos, reconfigura-se profundamente (Hakkert, 2021; Zuboff, 2021). Essa perspectiva não é estranha aos estudos populacionais que, conforme a definição clássica de Hauser e Duncan (1975), se orientam para a compreensão e explicação das mudanças demográficas.

Se antes os dados demográficos eram majoritariamente produzidos por registros oficiais e coletas censitárias sob a égide de instituições governamentais, atualmente sua geração, captura e processamento se expandem de forma fragmentada, em um fluxo descentralizado que, apropriado por interesses privados, se manifesta de forma contínua e automatizada (Srnicek, 2017; Lyon, 2018; Zuboff, 2021). Nesse novo regime, que Zuboff (2021) denomina “capitalismo de vigilância”, a experiência humana é convertida em dados comportamentais, figurando como matéria-prima gratuita para fins de estratégia e predição mercadológica.

A respeito da transformação no regime de produção e análise dos dados demográficos, Pinto (1975) já advertia que circunscrever a Demografia a uma definição estritamente estatística, ancorada na objetividade científica, não apreende sua complexidade epistemológica. Diante disso, o cenário atual exige uma abordagem crítica e situada diante das transformações contemporâneas nos modos de conhecer e representar as populações.

Este trabalho se propõe a refletir acerca da episteme dos estudos populacionais por meio de um percurso argumentativo que: (i) revisita os fundamentos da Demografia no campo das

Ciências Sociais e sua apropriação pelo mercado; (ii) analisa as transformações sociotécnicas advindas do capitalismo de vigilância, com ênfase no papel das plataformas digitais e dos modelos algorítmicos; e (iii) investiga os desafios epistemológicos e políticos impostos a um saber demográfico em mutação. Para tanto, contrapõe-se a perspectiva de Harper (2018), que sustenta a centralidade contínua das categorias tradicionais, à de Allison (2021), que defende sua superação frente à fluidez identitária contemporânea.

A intenção é abrir um espaço crítico que ultrapasse a mera descrição, iluminando as tensões que atravessam a produção de conhecimento sobre populações na era dos dados — um debate crucial para compreender as implicações sociais, políticas e econômicas da nova configuração do saber demográfico.

METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, orientada por uma leitura crítica e situada da produção discursiva sobre o uso contemporâneo dos dados demográficos no contexto da transformação digital. Parte-se do entendimento, inspirado em Gil (2008), de que todo método nas Ciências Sociais é atravessado por escolhas teóricas, políticas e epistemológicas — não existindo, portanto, qualquer pretensão de neutralidade investigativa.

A partir dessa premissa, recorre-se a uma leitura sintópica (Adler & Van Doren, 2010) de autores com posições contrastantes no debate sobre os rumos da Demografia na era digital, em especial Harper (2018) e Allison (2021). Tais leituras são articuladas segundo uma revisão bibliográfica de textos clássicos e contemporâneos, com destaque para as contribuições de Milton Santos (2009), Manuel Castells (1999), Nick Srnicek (2017) e Shoshana Zuboff (2021). Esses aportes conceituais fornecem as bases para problematizar as transformações técnico-econômicas em curso e suas implicações epistemológicas no campo demográfico, com vistas a identificar convergências e tensões em torno da apropriação de suas categorias por diferentes agentes — especialmente no setor privado.

A análise toma como eixo estruturante a obra de Milton Santos (2009), cuja concepção da técnica como meio histórico-social oferece uma chave interpretativa potente para compreender os usos estratégicos e político-econômicos da Demografia no contexto do capitalismo informacional. Com esse enquadramento, o trabalho busca ir além de uma leitura meramente descritiva dos textos, situando-os em seus contextos de produção e tensionando as racionalidades que os sustentam.

Essa perspectiva permite distinguir entre abordagens que mantêm um compromisso epistemológico com o campo demográfico — como é o caso de Harper (2018) — e aquelas que instrumentalizam seus conceitos de forma pragmática e voltada para finalidades mercadológicas, como se observa em Allison (2021).

RESULTADOS

A análise permitiu identificar dois movimentos principais em relação aos dados demográficos:

1. **Redirecionamento funcional das categorias demográficas.** Conceitos como fecundidade, mortalidade, envelhecimento e mobilidade, tradicionalmente associados a modelos explicativos e projeções de interesse público, passam a ser mobilizados por atores privados em contextos de mercado. Esse uso, embora não seja novo — como mostram Pol e Thomas (1997), ao tratarem da *business demography* —, adquire novos contornos à medida que categorias clássicas, como idade ou composição familiar, são incorporadas por sistemas algorítmicos de segmentação e predição, capazes de gerar e operar dados de forma contínua e em tempo real (Hakkert, 2021; Zuboff, 2021). Reconfiguradas por finalidades mercadológicas, essas categorias deixam de atuar como ferramentas de interpretação social para se tornarem variáveis estratégicas da inteligência corporativa (Srnicsek, 2021). Tal deslocamento convoca uma análise ancorada no debate sobre a neutralidade da técnica e do método (Santos, 2009; Hakkert, 2021) e, sobretudo, sobre os modos de governamentalidade que os sustentam (Castro, 2009; Lyon, 2018; Bruno *et. al*, 2019).
2. **Clivagem entre racionalidades.** A tensão entre os usos científicos e os usos estratégicos do conhecimento sobre a dinâmica populacional revela uma clivagem profunda quanto ao papel e à importância das categorias demográficas em racionalidades distintas. Neste trabalho, recorre-se aos aportes de Sarah Harper (2018) como representante de uma abordagem que valoriza a complexidade dos fenômenos populacionais, reconhecendo sua mediação histórica e social. Em contraposição, a perspectiva de David Allison (2021) expressa uma lógica utilitária e instrumental, orientada pela eficácia técnica e pela racionalização das decisões mercadológicas. Para esse autor, categorias demográficas tradicionais teriam perdido relevância, uma vez que os indivíduos se orientariam cada vez mais por seus valores subjetivos do que por atributos biológicos ou estruturais.

Essa oposição evidencia não apenas o risco de esvaziamento crítico da Demografia diante da lógica técnico-mercadológica, mas também reabre o debate sobre a incorporação de dimensões qualitativas no escopo dos métodos demográficos, como forma de aprofundar a compreensão das dinâmicas populacionais em contextos crescentemente complexos e mediados por tecnologias de dados.

DISCUSSÃO

O deslocamento dos processos de captura e das finalidades de uso dos dados populacionais não é mero acaso, mas reflexo das profundas transformações socioeconômicas que colocam a informação no centro da produção de valor. Como observa Castells (1999), se a sociedade industrial girava em torno da máquina e da fábrica, a sociedade informacional estrutura-se pela lógica da rede, da circulação de dados e da extração de valor informacional.

Um corpo crescente de pesquisas demonstra que essa intensificação tecnológica dá origem a novos regimes sociotécnicos, nos quais competências técnicas, formas de acumulação, estruturas de poder e dispositivos de subjetivação se entrelaçam de modo inseparável (Srnicek, 2017; Bruno *et. al*, 2019; Zuboff, 2021). É nesse contexto que Zuboff (2021) identifica o capitalismo de vigilância como um regime parasitário e autorreferente, ultrapassando o modelo clássico de exploração da mais-valia ao subordinar todos os aspectos da experiência humana a uma lógica mercadológica.

Esse regime promove uma mutação na cognição social: a captura sistemática da experiência converte o tempo vivido em predição contínua, redefinindo nossas relações com o espaço, a memória e a identidade (Bruno *et. al*, 2019; Zuboff, 2021). Como consequência, emerge uma subjetividade reconfigurada, na qual afetos tornam-se alvos de cálculo e decisões individuais se transformam em vetores de valor. Nesse cenário, a tecnologia deixa de ser instrumento neutro para assumir um papel normativo, naturalizando comportamentos e automatizando modos de estar no mundo — exatamente o que Santos (2009) já apontava ao conceber em *A natureza do espaço*, cuja primeira publicação se deu em 1996.

CONCLUSÃO

À medida que categorias demográficas clássicas — idade, sexo, fecundidade, composição familiar — são apropriadas por sistemas mercadológicos de segmentação e predição comportamental, deixam de operar segundo seus propósitos científicos originais e passam a ser redesenhadas para atender a objetivos comerciais. Apesar de manterem sua validade

estatística no âmbito demográfico, tornam-se, na ótica do “mercado”, insuficientes para captar sujeitos cuja identidade e comportamento se configuram e se reconfiguram em tempo real. Sob a lógica informacional, que valoriza a plasticidade identitária, a performance individual e o comportamento instantâneo, essas categorias não se dissolvem — mas têm sua capacidade explicativa radicalmente questionada, pois já não bastam para compreender indivíduos que escapam a atributos fixos e universais.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, Mortimer Jerome; DOREN, Charles Van. **Como ler livros**: o guia clássico para a leitura inteligente. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ALLISON, David. **The death of demographics**: Valuegraphic marketing for a values-driven world. La Vergne: Lion Crest Publishing, 2022.

BRUNO, Fernanda Glória; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 26, n. 3, p. e33095, 2019. DOI: 10.15448/1980-3729.2019.3.33095

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução de Roneide Venâncio Majer; atualização para a 6. ed. de Jussara Simões. In: **A era da informação: economia, sociedade e cultura**, v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HAKKERT, Ralph. Demografia, estatística social, geografia de população e outras abordagens do estudo da população. In: Grupo de Foz. **Métodos demográficos**: Uma visão dos países de língua portuguesa. São Paulo: Blucher, 2021. pp . 15-170.

HAUSER, P.M.; DUNCAN, O.D. El estudio de la población. CELADE, Santiago de Chile, 1975.

HARPER, Sarah. **Demography**: a very short introduction. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LYON, David. Cultura da vigilância. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; MELGAÇO, Lucas(Orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. Trad.: Heloísa Cardoso Mourão, 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

POL, Louis G.; THOMAS, Richard K. **Demography for business decision making**. Westport: Quorum Books, 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **La Demografia como Ciencia**. Santiago: Centro Latinoamericano de Demografía (Celade), 1975.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed.; 5. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SRNICEK, Nick. **Platform capitalism**. Cambridge: Polity Press, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.